



AS DIVERSAS DIMENSÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL, DO MATERIAL AO IMATERIAL: O CORPUS CHRISTI DE MATÃO, SUA TRADIÇÃO, EXPRESSÃO ARTÍSTICA E FESTIVIDADE.

LUCATELLI, Luís Gustavo (1); ALMEIDA, Maisa Fonseca de (2)

1. Pesquisador independente, arquiteto e urbanista.
luislucatelli@gmail.com

2. Universidade de São Paulo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo.
maisafonseca@usp.br

RESUMO

Diante da fragilidade da preservação das manifestações culturais religiosas e artísticas consideradas patrimônio imaterial, é importante propor-se formas de registro que auxiliem os instrumentos legais para o seu reconhecimento e proteção. Este trabalho apresenta um registro do Corpus Christi na cidade de Matão (interior do estado de São Paulo), segundo uma perspectiva do patrimônio imaterial relacionado a eventos religiosos temporários e manifestações artísticas efêmeras, suas relações com a comunidade religiosa e com os habitantes e visitantes da cidade, considerando dois diferentes momentos, prévio e durante a realização do evento. Fundamenta-se em entrevistas orais com a população e participantes da festividade, consulta a notícias históricas e atuais sobre o evento em jornais, e levantamento de imagens com o objetivo da produção de um novo registro documental. Desse modo, o trabalho buscou identificar e resgatar a história e a tradição relacionada à festividade, uma celebração com mais de setenta anos contínuos de realização e que, atualmente, representa a maior produção de tapetes de Corpus Christi do estado de São Paulo. Foi possível concluir que esta importante manifestação cultural do interior do estado vem sofrendo uma série de alterações e revisões de suas conotações, questões que podem interferir e comprometer a sua preservação.

Palavras-chave: Corpus Christi; Manifestação cultural; patrimônio imaterial; patrimônio cultural.

RESUMEN

Ante la fragilidad de la preservación de las manifestaciones culturales, religiosas y artísticas consideradas patrimonio inmaterial, es importante proponer formas de registro que ayuden a los instrumentos jurídicos para su reconocimiento y protección. Este trabajo presenta un registro del Corpus Christi en la ciudad de Matão (interior del estado de São Paulo), según una perspectiva de patrimonio inmaterial relacionado con eventos religiosos temporales y manifestaciones artísticas efímeras, sus relaciones con la comunidad religiosa y con los habitantes y visitantes de la ciudad, considerando dos momentos diferentes, antes y durante el evento. Se basa en entrevistas orales a la población y participantes del festival, consultando noticias históricas y actuales sobre el evento en periódicos, y relevamiento de imágenes con el objetivo de producir un nuevo registro documental. De esta forma, el trabajo buscó identificar y rescatar la historia y la tradición relacionadas con la fiesta, una celebración con más de setenta años continuos de realización y que, actualmente, representa la mayor producción de alfombras de Corpus Christi en el estado de São Paulo. Se pudo concluir que esta importante manifestación cultural en el interior del estado ha venido sufriendo una serie de cambios y revisiones de sus connotaciones, cuestiones que pueden interferir y comprometer su preservación.

Palabras clave: Corpus Christi; Manifestación cultural; patrimonio inmaterial; patrimonio cultural.

INTRODUÇÃO

A celebração cultural e religiosa do Corpus Christi tem sua origem no século XIII e está relacionada a uma revisão das práticas e rituais religiosos da Igreja Católica, com a incorporação de novas ações que buscavam aproximar e ampliar o público geral e a comunidade religiosa, por meio do deslocamento de rituais, celebrações e tradições antes restritas ao espaço interior da Igreja. No ano de 1264, o papa Urbano IV, consolida esta celebração oficialmente como parte do calendário litúrgico, relacionando-a a um ritual religioso que envolve um percurso externo ao corpo da Igreja, cuja solenidade acontece com uma frequência anual.

Considerada, no Brasil, como uma das festas católicas mais consolidadas e tradicionais da comunidade cristã, a celebração do Corpus Christi foi integrada ao calendário católico nacional em 1961. Essa integração é associada ao reconhecimento de sua prática pelos fiéis católicos brasileiros, como uma tradição no país. Com a difusão da solenidade no território brasileiro, algumas alterações e adaptações do ritual foram sendo incorporadas diante dos diferentes contextos locais e regionais, assim, a prática religiosa adquiriu algumas características particulares, como por exemplo, em relação a decoração de seu percurso externo a Igreja, com a ornamentação das ruas.

Neste contexto, destaca-se o acontecimento da festividade na cidade de Matão (interior do estado de São Paulo), evento que atrai a participação de grande público, e que se configura como uma importante manifestação cultural de expressão artística e com caráter efêmero, com a confecção de artes decorativas e tapetes.

Nesta cidade de médio porte, com população estimada de 82.702 habitantes (IBGE, 2018), não há registros documentais e narrativos sistematizados sobre esta celebração e importante patrimônio cultural de Matão, tombado em instância municipal. Deste modo, com o objetivo de levantar e analisar a relação desta manifestação cultural com a criação de espaços artísticos, concentrados nas ruas do centro da cidade, e produzir o seu registro documental, este trabalho realizou o levantamento de informações e imagens históricas em acervos físicos particulares, pesquisa bibliográfica e visitas em campo. Por meio desta metodologia, buscou-se construir um panorama sobre a sua origem; a análise e interpretação relativas aos diferentes tipos de decoração e manifestações artísticas nas ruas, no contexto da

Europa e da América Latina; e uma contextualização de como tem sido realizado o evento do Corpus Christi em algumas cidades do Brasil e no município de Matão.

O levantamento também considerou entrevistas com atores voltados à gestão político-cultural de Matão, atores da sociedade civil que participaram da festividade e de seu processo de tombamento. Também foram realizadas análises de documentos, do Plano Diretor de Matão e do tombamento do Corpus Christi de Matão. Por fim, foi realizada uma análise dos espaços físicos, edifícios culturais, religiosos e de apoio para a produção e realização da celebração.

Neste processo, é importante resgatar um pouco de sua história e reforçar a o caráter festivo e artístico do evento, no contexto da cidade de Matão, em que o primeiro tapete foi produzido e confeccionado pela população da cidade sem o envolvimento da Igreja Católica Matonense. Deste modo, a tradição pode ser considerada como uma manifestação cultural e artística popular na cidade, cuja produção demanda o período prévio de aproximadamente dez meses, vivenciada em aproximadamente doze horas, tempo de duração da celebração religiosa.

Matão configura-se como uma cidade com escassez de equipamentos e de políticas relacionadas a suas manifestações e a seu patrimônio cultural. Diante desse panorama, é necessário debater e consolidar ações de preservação desta importante celebração, um evento de temporalidade reduzida e de manifestações artísticas caracterizadas pela sua efemeridade, com o uso singular de materiais artísticos, como por exemplo, o uso pioneiro do vidro na confecção dos tapetes, material que, posteriormente, foi incorporado a sua tradição.

Este trabalho buscou produzir um registro e reflexão com o objetivo de auxiliar ações de preservação, que potencializem e auxiliem na sua continuidade, propondo a implementação de atividades educativas para sua transmissão para as gerações futuras, e a determinação de espaços físicos para manutenção das práticas decorativas, as quais imprimem o aspecto artístico desta festividade, dentre elas destacamos as práticas artísticas de aereografia, uma técnica que se utiliza da dolomita¹ para a criação e produção dos tapetes.

¹ Dolomita é um mineiro derivado do calcário. De origem mineral, é encontrada em grande escala em quase todo território brasileiro.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O conceito de patrimônio cultural brasileiro foi ampliado desde a Constituição de 1988, com o artigo 216, que promove o envolvimento da população junto ao poder público na identificação, valorização e proteção dos bens culturais. Segundo este artigo, a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens mantém-se sob responsabilidade da administração pública, e são definidos como patrimônio cultural os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Conjuntamente a este processo, a incorporação do conceito de referência cultural fortaleceu o reconhecimento, a classificação, valorização e proteção de bens culturais imateriais.

Esta ampliação e redefinição conceitual de patrimônio cultural, divididos como categorias de patrimônio material e imaterial, considera a incorporação da classificação das formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Nesse contexto, patrimônio imaterial pode ser compreendido como àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (IPHAN, 1988). A transmissão de conhecimento coletivo para as gerações futuras é importante para a identidade cultural de um povo e, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pode-se definir patrimônio intangível como um conjunto de formas da cultura tradicional e popular ou folclórica, a saber, as obras coletivas que emanam de uma cultura e que se baseiam na tradição (UNESCO, 2019).

Segundo esta perspectiva, o patrimônio imaterial pode ser transmitido oralmente ou mediante manifestações que se transformam com o tempo, em um processo de recriação coletiva. São consideradas, assim, as tradições orais, os costumes, as línguas, as músicas, as festas, os rituais, a medicina e farmacologia tradicionais, a

gastronomia e habilidades especiais relacionadas com os aspectos materiais da cultura, como as ferramentas e os espaços onde estas atividades tomam curso.

E é possível perceber em seu processo de preservação um grande desafio e uma relativa fragilidade, principalmente, relacionada as suas formas de registro, que podem auxiliar os instrumentos legais de proteção deste patrimônio. Assim, é fundamental refletir sobre a importância e o papel da educação patrimonial, como um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural.

A educação patrimonial como ser reconhecida como um instrumento de “alfabetização cultural”, como afirma Maria de Lourdes Parreiras Horta (1999), e que possibilita ao indivíduo fazer uma leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico temporal em que está inserido. Ainda segundo Horta (1999, p. 6), este processo pode levar ao reforço da autoestima dos indivíduos, a sua relação em comunidade e a valorização de uma cultura considerada brasileira, compreendida como múltipla e plural.

Muitas vezes, observa-se nas cidades brasileiras uma valorização do patrimônio devido a sua articulação com a indústria do turismo, definido como turismo cultural (Carta do Turismo Cultural, 1999). Embora este turismo seja considerado uma possível ferramenta para a revitalização do patrimônio, sua dimensão econômica deve ser mensurada e planejada, segundo uma gestão do patrimônio, visando a sua conservação tanto para a comunidade anfitriã como para seus visitantes.

A articulação entre patrimônio e turismo configura uma dimensão mercadológica dos bens culturais, uma relação que exige cautela, tal como afirma Gatterman (2012), o “processo de mercantilização do patrimônio, leva à criação de não lugares, da não-identidade, pois não se caracteriza por um espaço construído a partir da relação homem-ambiente, não sendo identificáveis pelos indivíduos que ali vivem”.

Este distanciamento entre os indivíduos da comunidade local e que ali habitam contradizem alguns princípios das cartas internacionais do patrimônio, que reforçam a importância da existência de uma comunidade patrimonial, e sugerem uma resignificação do conceito de patrimônio em virtude de sua relação com a comunidade local (Convenção de Faro, 2005). Ao reforçar a necessidade de preservação e restauração dos recursos naturais e culturais, propõe-se a promoção

do engajamento cívico e da vitalidade econômica em conjunto com a preservação da identidade local, e uma maior participação da comunidade local neste processo.

MANIFESTAÇÃO E REFERÊNCIA CULTURAL

Diante das organizações espaciais do homem em relação ao meio ambiente e das transformações que surgiram a partir da sua fixação territorial, é possível observar a existência de diversos códigos, os quais são testemunhados através das suas marcas culturais e de identidade do homem em sociedade. Neste sentido, a religião auxiliou e promoveu uma dimensão cultural relacionada a manifestações e expressões sociais e artísticas, configurando-se ao longo do tempo como uma forma de produção cultural de grande importância.

Como afirma Cristiano Nascimento *et al* (2016), através do código da religião indivíduos associam-se em razão de uma mesma crença e este código pode configurar um elo de grande importância, associado a aspectos sociais e culturais. Desta forma, salienta-se a importância de resgatar este código segundo uma perspectiva que permite valorizar a cultura de um determinado grupo étnico materializado por meio de signos religiosos os quais expressam suas crenças (NASCIMENTO *et al*, 2016).

No campo da antropologia, o conceito de manifestação cultural abrange toda forma de expressão humana relacionada à cultura e ao meio ambiente, seja através de celebrações e rituais ou através de outros suportes como imagens fotográficas e fílmicas. Neste sentido, as festas populares expressam as formas identitárias de grupos locais, em que o motivo de encontro, de fé ou simplesmente de celebrar atrai e identifica devotos e indivíduos que se reconhecem como parte de uma mesma identidade. Já as manifestações de caráter popular, atribui-se também um caráter ideológico, uma vez que comemorar é, antes de mais nada, conservar algo que ficou na memória coletiva (MOURA, 2001) e uma forma de manifestação cultural.

ORIGEM DA CELEBRAÇÃO - CORPUS CHRISTI

A tradicional celebração cultural e religiosa do Corpus Christi tem sua origem no século XIII, e é associada as contribuições da freira agostiniana Juliana de Mont Cornillon (1193 – 1258), também conhecida como Juliana de Liège, para sua instituição. Segundo a crença religiosa, a freira teve visões sobre a importância de práticas de adoração religiosa relacionadas a Eucaristia. Neste momento, a comunidade religiosa católica passa pela incorporação de transformações em suas práticas buscando torná-las mais próximas e acessíveis a comunidade geral. Essa revisão das práticas e rituais, por intermédio do papa Urbano IV, no ano de 1264, instituiu a solenidade litúrgica de Corpus Christi, expressão com origem do latim e que significa “Corpo de Cristo”, em referência ao sacramento da eucaristia, como uma festa de preceito para a Igreja, na quinta-feira sucessiva ao Pentecostes.

Depois de instaurada a celebração, com a publicação da bula “Transiturus de hoc mundo”, publicação oficial do Vaticano, em 11 de agosto de 1264, a organização dos espaços da celebração foi designada responsabilidade da Igreja Católica, questão que justifica grande parte das celebrações no continente europeu acontecerem no interior das igrejas ou em praças pertencentes à mesma, e a sua solenidade foi articulada à procissão de Corpus Christi.

Corpus Christi é considerada uma celebração católica com a realização de uma procissão pela cidade. O discurso religioso da festividade é o da celebração da vida, caracterizado por uma prática e ritual que sai do interior da Igreja em encontro a população, no espaço externo e público. Esta celebração conforma-se pela incorporação de outro ritual religioso, a Eucaristia. Segundo a professora norte-americana, Miri Rubun (2004), na Idade Média surge o ritual da veneração do Corpo de Cristo, a chamada Eucaristia, que consiste na celebração da Santa Ceia. Nela Jesus Cristo divide e compartilha o seu alimento, o pão, e sua bebida, o vinho, com os Apóstolos presentes durante a refeição, associando ao alimento e a bebida a representação simbólica de sua carne e seu sangue.

Em síntese, durante a procissão do Santíssimo, o hostiário (depósito em que são armazenadas as hóstias e que na simbologia religiosa corresponde ao corpo de Cristo) é conduzido por um membro da alta hierarquia da comunidade católica da cidade, pelo percurso estabelecido para a procissão. Durante o trajeto e segundo o

ritual, no momento em que o hostiário percorre o lado externo a Igreja, instaura-se o silêncio do público para a sua observação.

Durante o deslocamento da procissão, de uma extremidade a outra do percurso, um instrumento sonoro - a sineta - anuncia a passagem do cortejo. Neste percurso são previstos alguns momentos específicos, considerados pontos de parada, neles são realizadas manifestações religiosas e são entoados cânticos religiosos tradicionais.

O percurso geralmente é decorado e ornamentado, e algumas de suas manifestações artísticas decorativas são chamadas no Brasil de “tapetes”. No contexto europeu, os “tapetes” são tradicionalmente confeccionados com flores, já na América Latina são decorados com sal e serragem, e na cidade de Matão, com dolomita.

Esta festividade é caracterizada como uma manifestação pública cultural, pois de modo geral, ela acontece e se apropria do espaço público da cidade, de ruas, largos e praças constituintes do percurso da procissão e que, muitas vezes, se inicia e se finda no edifício da Igreja Católica.

Historicamente não há uma data atribuída ao seu primeiro ritual no mundo, mas relaciona-se a sua origem a três acontecimentos religiosos importantes: a publicação do Papa Urbano IV; a visão da Santa Juliana; o milagre da Eucaristia. A Eucaristia consiste no sacramento central da Igreja, consoante o qual, através das palavras pronunciadas pelo padre, pão e vinho se transubstanciam, respectivamente, no corpo e sangue de Cristo.

Este ritual tem similaridades com uma “encenação” artística do evento religioso descrito na Bíblia como a Santa Ceia, quando Jesus pegou o pão em suas mãos e compartilhou com os seus apóstolos, simbolizando seu corpo, bem como o vinho, que correspondia a seu sangue, por meio deste ritual religioso todos os pecados são absolvidos e se vive na presença de Cristo.

Nos dias atuais, neste ritual, simbolicamente o pão corresponde a “hóstia”, armazenada no sacrário (caixa dourada sinalizada com uma luz vermelha, que indica a presença do corpo de Cristo), e que só é retirada no momento da comunhão, pois é proibido retirá-la de dentro da igreja, à exceção da celebração do Corpus Christi, em que ela é deslocada para um receptáculo, utilizado

especialmente na procissão, sem o vinho, que não é mais utilizado nas celebrações religiosas católicas.

Em síntese, o ritual da celebração de Corpus Christi é composto por uma missa, procissão e adoração do Santíssimo. Segundo uma leitura religiosa, a procissão se assemelha a uma caminhada do povo de Deus, que é peregrino, em busca da Terra Prometida. No Antigo Testamento esse povo foi alimentado com maná no deserto. Hoje, ele é alimentado com o próprio Corpo de Cristo. Durante a celebração, o sacerdote consagra duas hóstias: Uma é consumida, e a outra, apresentada aos fiéis para adoração. Esta hóstia permanece no meio da comunidade, como sinal da presença de Cristo vivo no coração de sua Igreja. E a Hóstia Consagrada é o alimento para o nosso corpo e remédio para nossa alma que recebemos na comunhão.

A CELEBRAÇÃO NO MUNDO

No final do século XIII, período de instituição da solenidade litúrgica de Corpus Christi, surgiu em Lieja, Bélgica, um Movimento Eucarístico centrado na Abadia de Cornillon, fundada em 1124 pelo Bispo Albero de Lieja. Este movimento deu origem a vários costumes eucarísticos, como por exemplo, a Exposição e Bênção do Santíssimo Sacramento, o uso dos sinos durante a elevação na Missa e a festa do Corpus Christi. Também se associa a este período a incorporação de procissões ao Corpus Christi, com a decoração de ruas a partir do ano de 1264 no continente europeu, e a partir de 1313 fora do continente europeu.

Com a chegada de imigrantes no continente americano, a festividade religiosa também se torna uma prática e tradição religiosa e cultural neste território, com procissões e ornamentação das ruas, costumes e práticas que são assimiladas localmente, tornando-se parte de sua identidade cultural e de suas tradições.

A mais pomposa, concorrida e rica das procissões católicas em Portugal e que manteve a tradição no Brasil. O maior número de devotos acompanhava o púlpito sob o qual ia a Santa Hóstia, Corpo de Deus, numa custódia de ouro, erguida nas mãos da primeira autoridade sacerdotal. Não havia desculpas para uma ausência nem se queria faltar. Valia como demonstração de fé, exibição de prestígio sagrado, popularidade obstinada através dos séculos. Em Portugal, datam do século XIII com o máximo de esplendor de tropas, fidalgos, cavaleiros, andores, danças, cantos. Todas as Corporações eram obrigadas a uma representação e esta consistia num

grupo que dançava, simbolizando povos vencidos ou gente bíblica. Depois que D. João I consagrou o Reino a São Jorge (porque Sant'Iago ficara padroeiro da Espanha) a imagem seguia a procissão montada num cavalo, rodeada de oficiais em grande gala, o chamado de São Jorge. Bichos mansos e ferozes, dragões, torres, serpentes, a Coca, o farricoco, mil figuras de interpretação difícil desfilavam por Lisboa, Porto, Guimarães, espalhando assombros. No Brasil, numa carta de 9 de agosto de 1549, o Padre Manuel da Nóbrega, da Bahia, informava: "Outra procissão se fez no dia de Corpus Christi, mui solene, em que jogou toda a artilharia, que estava na cerca, as ruas muito enramadas, houve danças e invenções à maneira de Portugal. (CASCUDO, 1971)

Segundo o relato de Luís da Câmara Cascudo (1971), é possível observar que a procissão conformava um estranhamento no público de estrangeiros, e a população local a considerava uma manifestação relacionada, principalmente, à classe aristocrática mais do que a um evento religioso, mas também relacionado ao motivo espiritual que se consagrava por meio da celebração.

De modo geral, pode-se afirmar que segundo a tradição ocidental, na Europa, é comum que os tapetes da celebração de Corpus Christi sejam confeccionados com o uso de materiais como flores e terra, enquanto em países da América Latina, a prática foi apropriada e assimilada como outros materiais artísticos, e a confecção se utiliza de materiais diversos, tais como, o sal grosso, o vidro e pó de serragem.

A CELEBRAÇÃO DE CORPUS CHRISTI NO CONTEXTO BRASILEIRO

A celebração de Corpus Christi é considerada a festa católica mais tradicional no Brasil, foi celebrada pela primeira vez no país na cidade de Ouro Preto, no ano de 1531, e faz parte do calendário litúrgico nacional desde o ano de 1961. A sua tradição está articulada a uma origem portuguesa, segundo a carta do Padre Manoel da Nóbrega, de 1549, "Outra procissão se fez no dia de Corpus Christi, mui solene, em que jogou toda a artilharia, que estava na cerca, as ruas muito bem enramadas, houve danças e invenções à maneira de Portugal". No entanto, na região sul do Brasil a celebração é associada a chegada dos imigrantes açorianos.

Nas cidades que ainda preservam esta tradição, é comum ornamentar as ruas do percurso da sua procissão. Esta prática artística é definida como "tapete", em que são produzidos desenhos que se utilizam, de modo geral, de materiais de serragem tingida, palha, borra de café, areia e grãos. É representativo o envolvimento e participação da população na confecção dos tapetes, e o resultado final desse

trabalho é a produção de uma espécie de um grande mosaico artístico no espaço público da cidade, com narrativas religiosas, símbolos cristãos, locais e nacionais, compondo uma obra de arte efêmera, que é desfeita com a passagem do público e da procissão, ao final do evento.

A celebração possui algumas particularidades relacionadas, principalmente, as manifestações decorativas de seu percurso em algumas cidades brasileiras, por exemplo, em Belo Horizonte, Ibitinga e Porto Alegre, as ruas utilizam-se de cobertores, material que ao término da festividade resulta em doações definidas pelo coletivo produtor do evento e a comunidade católica.

Muitas das cidades católicas brasileiras organizam e realizam a procissão de Corpus Christi fora do corpo da Igreja, porém nem todos os “tapetes” que constituem parte da decoração do percurso por onde a procissão são confeccionados nas cidades do evento. No Brasil, é possível observar que, das cidades que produzem esses tapetes artísticos, , segundo dados coletados em entrevista com a Diocese de São Carlos, aproximadamente trinta e cinco por cento estão localizadas na região Sul, cinquenta e cinco por cento na região Sudeste, quase nove por cento no Nordeste, três e meio por cento no Norte e quase três e meio no Centro Oeste do país.

Uma das razões da ausência da prática da produção dos tapetes nas regiões norte e nordeste do Brasil, pode estar associada ao menor número de participantes na festividade, quando comparado as regiões sul e sudeste. Vale salientar a existência de expressivas festas religiosas consideradas tradicionais, que são consolidadas no contexto cultural destas regiões. Destacamos, por exemplo, a procissão do Círio de Nazaré, no Pará, que foi classificada como patrimônio mundial segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Festa do Divino, entre outras.

O CORPUS CHRISTI EM MATÃO

Inspirado na fala de Zaqueu, do filme *Narradores de Javé* (2004) “Até hoje ninguém escreveu, até porque ninguém precisou. Mas então vamos nós mesmos hoje escrever [...] Vamos colocar no papel os enredos, desenrolar da cabeça os acontecimentos de valor, botar na escrita, fazer um juntado de tudo que é importante

para provar porque é importante”. Este trabalho busca “escrevinha, botar as letras no papel”, e produzir novos registros em relação a história do Corpus Christi de Matão.

Com aproximadamente cem anos desde a fundação da cidade de Matão, mais da metade desse período festejou o Corpus Christi com “tapetes” artísticos nas ruas. Hoje a celebração do Corpus Christi na cidade representa a maior expressão da festa no estado de São Paulo, uma festa reconhecida nacionalmente. Estima-se que o seu público anual seja de aproximadamente quinze mil pessoas, classificando-o como um megaevento, segundo a Ilka Tenan (2002).

A primeira celebração de Corpus Christi na cidade é datada no ano de 1931, com a produção e confecção da ornamentação das ruas sob responsabilidade dos moradores da região central do município. A decoração e os enfeites foram produzidos com os materiais disponíveis em suas residências, dentre eles, destaca-se o uso de folhagens de mangueira (*Mangifera indica*) e flor bico-de-papagaio (*Euphorbia pulcherrima*).

Em relação ao início das práticas da celebração e sua tradição, o Padre Nelson Antônio Romão relata em seu diário que “Pela primeira vez realizou-se com esplendor a procissão de Corpus Christi, houve duas bênçãos no trajeto e a última na porta da Igreja. Estreou-se a irmandade do Smo. Sacramento. As ruas do trajeto e as casas estavam lindamente ornamentadas” (Jornal A Comarca², 1931).

No entanto, durante os anos de 1931 a 1948, o evento não era celebrado periodicamente todos os anos. Os registros informam que apenas a partir do ano de 1948 a procissão de Corpus Christi tornou-se uma comemoração pública realizada com uma periodicidade anual. Neste momento, novos materiais são incorporados a prática decorativa, com o uso do pó de café, além das flores e folhas.

² Jornal produzido em Matão



Imagem 01 - Confeção dos tapetes na avenida 7 de Setembro, Matão. Fonte: Acervo pessoal de Helena Bottura, 1963.

Os anos de 1960 são considerados o período de maior amplitude espacial e de ornamentação da festividade, pois registra-se um perímetro³ de quinze quarteirões de extensão da celebração, com a ampliação de sua área⁴. Em seguida, em 1963, um levantamento publicado no jornal “A Comarca” registra a presença de aproximadamente dez mil não residentes (visitantes) na cidade para a participação na festividade.

No período, a cidade é caracterizada pela sua inovação em relação a materialidade artística decorativa do evento, e se consolida como festividade pioneira na incorporação do uso de vidro como material decorativo. Em uma entrevista, a artista plástica responsável pelo uso do vidro relata que a apropriação do material foi resultado de um “acidente”, em que ela derrubou acidentalmente um frasco de remédio enquanto realizava seu trabalho habitual de tingimento da serragem, e

³ Entende-se o perímetro como a extensão da festa, contados por quarteirões.

⁴ Revista semanal ilustrada brasileira, lançada no Rio de Janeiro, produzida entre 1928 e 1985.

rapidamente os pequenos pedaços e pó de vidro do frasco absorveram a tintura, imprimindo novos pigmentos de tinta ao material.

A partir dessa experiência, o vidro passou a ser amplamente utilizado como material para elaboração e confecção dos tapetes artísticos decorativos. A incorporação de novos materiais e técnicas proporcionou a criação de obras artísticas de maior expressão, intituladas “quadros”. Estas obras configuram os tapetes ornamentais que ocupam as esquinas das quadras do percurso, e reforçando o caráter artístico da festividade, para a produção e confecção dos “quadros” são convidados a participar reconhecidos e consagrados artistas plásticos, como por exemplo, Helena Bottura e Vitório d'Agostino. Este período também é marcado pelo apoio e participação da Prefeitura Municipal de Matão no financiamento e na organização do evento, de modo a promovê-lo.

No final dos anos 1970, os enfeites são dispostos em uma extensão de quatorze quarteirões, com a participação de cerca de oitenta mil participantes na procissão de Corpus Christi, período em que a população da cidade é de aproximadamente setenta mil habitantes. O período representa o maior número de participantes já registrado na história do evento.



Imagem 02 - Confeção dos tapetes na Avenida XV de Novembro, Matão. Fonte: Acervo pessoal de Helena Bottura, 1984.

A ornamentação da festividade, no ano de 1985, acontece com a delimitação de uma conformação espacial inusitada, limitada a apenas uma via, a Avenida 15 de Novembro, que configura um eixo de ligação entre a Igreja Matriz e Igreja de Nossa Senhora Aparecida, totalizando uma área de 10 quarteirões.

Até os anos 1990, a responsabilidade de produção e confecção dos enfeites das ruas era atribuída aos moradores e/ou grupos ligados à igreja católica. No entanto, posteriormente, registra-se um novo sistema de produção coletiva, configurado por parcerias e colaboração com as escolas da cidade. Desse modo, o processo e a arte de produção e confecção dos tapetes foram determinados de modo programado, com a sua responsabilidade atribuída pela primeira vez as escolas e a definição de horários para a confecção e finalização dos tapetes. O início da produção dos tapetes acontecia durante a madrugada, próximo das quatro horas da manhã. A determinação de horários buscava a finalização de grande parte dos tapetes ao amanhecer, assim os visitantes poderiam observar a concepção geral do ambiente, e também o seu processo de confecção de tapetes, pois alguns ainda estavam sendo produzidos.

Considera-se que este momento é marcado pela manutenção de um formato constante para a celebração, cujo percurso conforma o desenho de uma cruz. A existência de um percurso previamente definido e conhecido, sem alterações, rompe com o caráter misterioso existente no evento até o final dos anos 1980, com a comunicação e publicização do local de realização da procissão apenas com o início do ritual da celebração, questão mantida até então em sigilo.

Pode se afirmar que, quase cem anos após o início desta festividade religiosa, sua tradição se manteve, porém no município de Matão, observamos algumas transformações ao longo dos anos em sua prática de produção e realização, com alterações dos materiais empregados para as práticas artísticas de ornamentação das ruas. Vale salientar que há oitenta e seis anos, muitos dos habitantes da cidade, em grande parte de origem imigrante, começaram a enfeitar também a frente de suas residências localizadas no percurso da procissão, ampliando a expressão decorativa da festividade.

Atualmente, a tradição artística do Corpus Christi é reconhecida e valorizada, protegida por meio do tombamento em instância municipal como patrimônio cultural da cidade desde o ano de 2006, através da lei nº 3.743. No mesmo ano, é introduzida uma nova prática ao evento, através do programa cultural “turista artista”, com o objetivo de promover a realização de oficinas no interior da Casa Cultura do município, e a possibilidade de participação dos turistas no processo de produção e confecção dos tapetes do evento. Esta prática é determinada por pequenas áreas do percurso, utilizando-se do mesmo material da produção da decoração de outras ruas.

Na década seguinte, de acordo com uma pesquisa realizada pela Secretaria de Cultura Municipal de Matão⁵, em 2016, trinta mil pessoas participaram da celebração, atraídas pelo evento religioso e pelas suas manifestações artísticas decorativas de tapetes. A maior parte deste público era constituído por não residentes na cidade, e quarenta e quatro por cento deste público era composto por não católicos, questão que reforça a ideia de que, atualmente, a festa não está condicionada apenas a uma prática de celebração religiosa e católica, mas como uma importante manifestação cultural da cidade.

Vale também ressaltar o aspecto cultural da celebração, marcado pela participação de artistas plásticos matonenses ou da região, os quais são convidados especialmente para participar do evento e são responsáveis pela decoração dos “quadros”, pontos considerados de maior interesse artístico na celebração.

Atualmente, é expressivo o uso de dolomita (derivado do calcário) na ornamentação dos tapetes, marcando distinções em relação a materialidade das primeiras décadas da festividade, em que os tapetes eram confeccionados com grande uso de vegetação natural como ornamentação, com flores de bico de papagaio e de mangueira, mescladas com outros materiais em pó, tais como, serragem e café. De modo geral, considera-se que os materiais empregados na produção atual dos tapetes é responsabilidade da Prefeitura Municipal de Matão, desde a sua aquisição ao tratamento do material.

A participação na festividade nos dias atuais é registrada como de aproximadamente quinze mil pessoas, segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Matão

⁵ Dados coletados oralmente em entrevista com Secretária de Cultura do período.

no ano de 2018. A redução de aproximadamente oitenta por cento do número de participantes na festividade torna impreciso o futuro da procissão e incerta a preservação deste importante patrimônio, marcado por um contexto de ausência de políticas públicas culturais e patrimoniais que auxiliem e promovam de forma efetiva a sua preservação, buscando proporcionar a manutenção do seu processo de produção e da prática da celebração, a festividade parece perder sua expressão.

Desde o ano de 2017, a ornamentação das ruas foi atribuída como uma responsabilidade da comunidade católica, e seu perímetro de decoração foi reduzido a delimitação de dois quarteirões, destinados a participação da população matonense sem vínculo com a igreja católica, com um quarteirão elaborado pela Cooperativa Educacional de Matão (Escola CEM) e outro por um grupo de jovens, chamados “Artistas de Rua”, que busca homenagear artistas plásticos.



Imagem 03 - Produção do material de confecção dos tapetes, tingimento da dolomita para o Corpus Christi, Matão. Fonte: LUCATELLI, 2018.



Imagem 04 - Alunos da Escola CEM confeccionando tapetes artísticos na rua para o Corpus Christi, Matão. Fonte: Acervo da Escola CEM, 2019.



Imagem 05 - Procissão de Corpus Christi, Matão. Fonte: PMM, 2019.



Imagem 06 - Procissão de Corpus Christi, Matão. Fonte: PMM, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Corpus Christi de Matão se configura como uma importante manifestação cultural, resultado de uma adaptação e assimilação local das práticas religiosas e culturais presentes nos países de origem de grande parte da população da cidade, imigrante. Esse processo foi marcado por ressignificações da expressão artística e pela interpretação da festividade, tanto na sua prática e ritual como celebração religiosa e evento social, quanto na sua adaptação como manifestação artística e decorativa.

Ao longo de sua história, é possível evidenciar momentos de maior participação de alguns grupos sociais específicos, localizados em determinadas regiões da cidade, e transformações nas práticas decorativas dos espaços públicos da cidade, com posterior incorporação do espaço privado, com a extensão da decoração do evento para a parte frontal das residências que integram o percurso da procissão.

Também é possível observar, a associação desta prática a iniciativas educativas e artísticas de determinados grupos sociais e segundo diferentes faixas etárias da população, com a presença expressiva de escolas, mas também da Igreja, articuladas pelo apoio e promoção do evento pelo governo municipal.

Diante da fragilidade da preservação das manifestações culturais religiosas e artísticas consideradas patrimônio imaterial, consideramos importante a proposição de novas formas de registro que auxiliem os instrumentos legais de proteção do Corpus Christi na cidade de Matão. Neste sentido, é necessário refletir sobre possíveis formas de registro do patrimônio imaterial relacionado a eventos religiosos temporários, a ideia do percurso e do movimento, e manifestações artísticas efêmeras. Também consideramos importante o envolvimento da comunidade local e dos indivíduos que ali habitam em seu processo de preservação, reforçando a existência de uma comunidade patrimonial, envolvendo diferentes grupos sociais, tais como, a comunidade religiosa e os habitantes da cidade, questões que podem ser promovidas por meio de ações educativas relacionadas a este patrimônio.

De modo geral, observa-se a necessidade de se estruturar novas políticas públicas que busquem auxiliar na preservação do patrimônio cultural e imaterial da cidade, fundamentadas em ações educativas e de educação patrimonial buscando maior engajamento cívico e sua vitalidade econômica, preservando seu significado e identidade cultural relacionada a festividade, com a produção de tapetes decorativos

e manifestações artísticas, principalmente, fundamentadas na experiência dos artistas plásticos matonenses, buscando valorizar as obras destes artistas locais.

REFERÊNCIAS

BURNETT, Kathryn. **Patrimônio, autenticidade e história**. In: Drummond A., Yeoman I., Questões de qualidade nas atrações de visitação a patrimônio. São Paulo: Roca, 2006.

ICOMOS (International Council on Monuments and Sites). **Carta do Turismo Cultural**. México, 1999. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters/tourism_sp.pdf>. Acesso em: 23 jun 2019.

Cascudo, Luís da Câmara. Calendário das festas. informação do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

Constituição Federal de 1988, Art. 215 e 216. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf>. Acesso em: 10 jun 2019.

GATTERMANN, Lilianny Schramm da Silva. **Patrimônio Arquitetônico: a importância da formação do profissional arquiteto**. Revista de Arquitetura da IMED, Vol. 1, n. 1, jan/jun 2012, p. 41-47

IPHAN. **O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê Final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: Funarte, 2003.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico?** São Paulo: Brasiliense, 1985, 4ª Ed.

MAGNANI, José Guilherme C; MORGADO, Naíra. **Futebol de várzea também é patrimônio**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, p. 77-96, 1996.

NASCIMENTO, Cristiano; AMORIM, Luiz; LOUREIRO, Claudia. **Preserving space: towards a new architectural conservation agenda**. In: Proceedings 6th International Space Syntax Symposium, Istanbul, 2007.

RUBIN, M. **Corpus Christi: The Eucharist in Late Medieval Culture**. University of Pennsylvania Press; Illustrated edição (3 maio 2004). 2004

UNESCO - **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**. Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>>. Acesso em: 12 jun 2019.

Filmografia

Narradores de Javé: Cannes (França), 2003; Rio de Janeiro (Brasil), 2004. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani; André Montenegro Longa Metragem (100 min), sonoro, colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>>.